

Cinema: A argentina Lucía Puenzo fala de seu filme 'XXY' • 2

SEGUNDO CADERNO

Centenário: MIS comemora o aniversário de Almirante • 5

SEXTA-FEIRA, 29 DE FEVEREIRO DE 2008

'Estou falando do Brasil'

Autor lança novo livro e diz que, entre órfãos e exilados, país é seu personagem

ENTREVISTA

Milton Hatoum

O amazonense Milton Hatoum é dos poucos escritores brasileiros igualmente estimados pela crítica e pelos leitores em geral. Seus três livros lançados até agora ("Relato de um certo Oriente", "Dois irmãos" e "Cinzas do Norte") receberam o Prêmio Jabuti, e venderam, somados, mais de 100 mil exemplares. "Órfãos do Eldorado" (Companhia das Letras), seu novo livro, reafirma a justiça dessa consagração. Por telefone, Hatoum falou ao GLOBO sobre a obra, que chega às livrarias na segunda-feira.

O ESCRITOR EM

CASA, em São Paulo: "São as memórias fortes da infância, da juventude, que me animam a escrever. Se eu tirasse essa época da minha vida, eu ficaria no ar"



Divulgação/Adriana Vichi

Miguel Conde

O GLOBO: Este é seu livro mais curto até agora, e nele a brevidade não se limita ao número de páginas. Tem-se a impressão, lendo a história, de que muita coisa fica de fora, não é dita. Tanto entre os personagens quanto na própria narração. Foi difícil chegar a essa concisão?

MILTON HATOUM: Na novela, você não pode trabalhar com muita digressão. Tem que concentrar tudo no evento, na tensão temporal. Tudo tem que se aproximar do dramático. A novela é um gênero difícil. Fiz uma versão que era bem mais extensa, e aí tive que comprar uma tesoura de jardineiro e, com muita pena (porque dá pena), cortar.

• Uma consequência dessa estrutura é que o livro todo é marcado por uma sensação de espanto, de acontecimentos inesperados, e também de equívocos, coisas que são compreendidas pela metade. Isso foi um efeito deliberado?

HATOUM: Como a novela é uma narrativa breve, ela tem que trabalhar com essa atmosfera da surpresa, do absurdo, da incompreensão, e eu quis explorar isso, fazer desse fragmento de vida uma espécie de surpresa. Isso faz parte da própria estrutura da novela, em que o olhar do narrador apreende a falta de sentido. É esse olhar que não conhece tudo e vai se surpreendendo com o que acontece. É uma espécie de construção dessa falta de sentido, desse absurdo, dessa teia de relações que não são relações causais. Foi a isso que tentei dar forma.

• Na sua cabeça, isso era também mais uma forma de evocar a orfanidade do protagonista? A idéia da fragilidade da vida e de um destino meio à deriva?

HATOUM: Exatamente, porque aí são os dois órfãos, o Arminto e a Dinaura, por quem ele se apaixonou. Por outro lado, todos os mitos que abrem a narrativa (o da mulher que entra no rio em busca de uma cidade melhor, de uma cidade encantada, o da mulher que perde a cabeça) são mitos de perda. O que eu tentei fazer foi pegar o mito e dar significado a ele. No fim, o mito perde o elemento de crença, e quando isso acontece ele se transforma em literatura.

• O mito é também uma explicação do mundo. O senhor diria o mesmo da literatura?

HATOUM: Primeiro ela é uma interrogação sobre o mundo. A própria novela é uma série de surpresas, como você notou. Mas a literatura é também um conhecimento da alma humana, e é um conhecimento histórico, do lugar, dos conflitos do lugar. Eu tentei juntar

muitas coisas em cem páginas. Você tem todo o ambiente de decadência da região, todo o ciclo da borracha, o clichê da Amazônia como paraíso. E o pai do narrador envolvido em negociatas, alianças com os políticos, esse jogo de favores tão brasileiro. Estou falando também do Brasil de hoje. Às vezes, para falar do país, você não precisa de 600 páginas.

• O tema das relações escusas entre a burguesia e os políticos brasileiros é recorrente nos seus livros. Até que ponto o senhor se interessa por política?

HATOUM: Minha geração viveu a ditadura militar. Eu tinha 12 anos em 1964. Saí de Manaus muito cedo, em 1967, e fui morar em Brasília, no olho do furacão. Com 16, 17 anos presenciei a invasão do campus da UnB. Naquela época, os reitores não compravam lata de lixo a R\$ 900, nem decoravam

"Manaus parece um imã, mas ao mesmo tempo uma catapulta. Me atrai violentamente e depois me joga para fora"

apartamentos. Era outra coisa. Particpei do movimento estudantil, mas nunca fui militante de partido, graças a Deus. Viajei muito pelo país, como estudante, e isso me deu um pouco de consciência do Brasil.

• Seu livro tem como epígrafe um poema do poeta grego Konstantinos Kaváfis, "A cidade", sobre uma pessoa que deseja recomeçar a vida em outro lugar, se reinventar, mas não consegue, pois não pode fugir se si mesma. Muitos de seus personagens parecem também assim, condenados a um certo destino. O senhor diria que tem uma visão trágica do mundo?

HATOUM: Acho que o mundo é um palco de conflitos incessantes. Não penso exatamente como os narradores dos meus livros. Gostaria que houvesse mudanças, eu luto por uma sociedade mais humanizada, mais justa. Só que na literatura você não pode ter boas intenções. O romance, se for explicitamente ideológico ou explicativo, perde sua razão de ser. Romance não pode ser uma mensagem. Tem que trabalhar com conflitos, com indagações, com dúvidas.

• Num plano mais individual, é a infância que forma as pessoas, define muitos destinos. A sua determinou sua atividade de escritor?

HATOUM: Praticamente tudo que eu escrevi está relacionado à minha infância e à minha juventude. E, claro, à leitura que faço do tempo em que eu vivo. Mas são as memórias fortes da infância, da juventude, que me animam mesmo para escrever. Se eu tirasse a infância e a juventude da minha vida, ficaria no ar. Manaus parece um imã, mas ao mesmo tempo parece uma catapulta. Me atrai violentamente e depois me joga para fora, com mais força.

• Seu último livro, "Cinzas do Norte", ganhou quase todos os prêmios que poderia ganhar. Além do sucesso crítico, o senhor é um autor de vendas boas, para os padrões brasileiros. Mas costuma dizer que a classe média brasileira não lê.

HATOUM: A maioria da classe média não lê. Deve ter o quê, um 30 milhões de brasileiros na classe média? Estou chutando, não sei. O que essas pessoas lêem? Essa parte da classe média podia ir para Miami, mas levar uns bons livros. As milhões de peruas... Os milhões de... Outro dia um ator aí do "Big Brother" disse que se orgulhava de nunca ter lido um livro. Então é isso... Mas há bons leitores no Brasil, e o bom leitor é o que vale, mais do que os prêmios. Há poucas bibliotecas no interior do Brasil. Eu gostaria de fazer uma biblioteca num bairro pobre de Manaus, mas não sei se o prefeito gostaria. É um prefeito do PSB, do partido socialista, mas ele fez agora dois viadutos enormes... eu não sei se ele está preocupado. Os socialistas estão fazendo viadutos, antes faziam bibliotecas. Uma cidade tão pobre, fazendo essas obras monumentais. Por isso fico desencantado. Com a idade você vai chegar lá. Mas isso não tira meu ânimo, minha vontade de fazer alguma coisa. ■

Lançamento em 16 países

• Antes mesmo de chegar às livrarias brasileiras, "Órfãos do Eldorado" (Companhia das Letras) já está vendido para editoras de outros 15 países, entre eles Inglaterra, Rússia e China. Desde seu primeiro livro, "Relato de um certo Oriente", da mesma editora, Milton Hatoum experimentou um sucesso internacional raríssimo para autores brasileiros. A novelista britânica A.S. Byatt e o argentino Alberto Manguel estão entre os autores estrangeiros que já fizeram elogios públicos à sua obra. A inclusão de "Órfãos do Eldorado" na coleção Mitos, da editora escocesa Canongate, é mais um sinal do prestígio do escritor. A série é uma parceria da Canongate com 24 editoras de outros países, e já lançou obras da canadense Margaret Atwood, do israelense David Grossman e da inglesa Karen Armstrong, entre outros. Embora tenha sido escrito para a coleção, "Órfãos do Eldorado" é um livro com o qual Hatoum se batia há tempo, ele diz:

— Não conseguiria fazer um livro de encomenda. Essa novela surgiu de uma história que ouvi do meu avô nos anos 1970, uma história de amor estranha, e que eu queria escrever desde então.